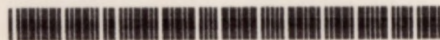


"Uma Noite no Coliseu"

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030152

Nos fins do primeiro decênio deste século, Campinas tinha diversas casas de diversões Cinematográficas. O velho "Teatro S. Carlos", localizado no antigo "Largo do Teatro" também havia adido aos entusiasmos da época, transformando-se em cinema, com a denominação de "Cine Fox", sob a direção do dinâmico Hermantino Coelho, colaborador assíduo em diversos jornais de nossa cidade, ora residente em São Paulo, com uma agência distribuidora de filmes, à rua dos Andradas. No antigo Teatro Rink, de sua especialidade, que era a patinação, também se convertera em cine teatro. Havia também o Cine "Caritas", que pouca duração tivera, era localizado à rua do Sacramento, onde hoje se acha o Empório Andorinhas; a sua direção estava a cargo de diversos vigários da época. O cine "Bijou", também tivera a sua epopéia de glórias; estava situado a rua Barão de Jaguará, quase em frente à Av. Campos Sales. Na rua Bernardino de Campos, houve outra casa de diversão, conhecida como "Teatro Carlos Gomes" que depois se transformou em "Cine Casino", onde hoje está situado o Banco INCO, logo atrás da estátua de Carlos Gomes. Essa casa de diversão tinha duas entradas, sendo a primeira, na rua acima mencionada e a outra na rua Barão de Jaguará, quase em frente à casa comercial "Ao Livro Azul", de propriedade do sr. Castro Mendes.

Os Cines "Radium" e o "Fetcreio" estavam localizados na rua Dr. Quirino, sendo que o primeiro, fazia esquina com a rua da Conceição, ao lado desta folha, o segundo, com a esquina da rua Cesar Bierrenbach. Mais tarde, surgiram outros cinemas que com o passar dos anos foram demolidos.

Guardamos para o final a história de um deles: o famoso "Coliseu", também localizado na rua Cesar Bierrenbach com a esquina da irmã Serafina. Essa casa de diversões, que começara com atrações de touradas, "circo de cavalinhos", luta romana e outros divertimentos deveria seguir a trilha de outras casas de diversões, montando ali o seu cinema. As companhias estrangeiras de filmes, estavam no auge da produção em massa, pois, o cinema era o divertimento favorito de todos. De circo passou a ser cinema, sendo aproveitada a parte de sua estrutura a princípio, somente os lados eram forrados de madeira, ficando a parte de cima, coberta de lona, mais tarde esta também foi substituída por armações de madeira. A parte da geral, mais conhecida na época como "galinheiro", mais parecia a formação de um circo, tal era a colocação das longas tabuas em sua total circunferência. Embaixo desta, estavam os balcões, onde somente os de posse poderiam fazer uso. Separada, estava a platéia com os preços mais

acessíveis em qualquer bolsa. Sua capacidade era para duas mil pessoas acomodadas, mas, muitas das vezes, isto é quase sempre, a sua lotação alcançava quase três mil espectadores, que deliravam emocionados com as cenas das películas ali exibidas. Aquela casa de diversão acolhia a todos, não havia racismo e até cães, acompanhados de seus donos, ali penetravam. Enquanto se acomodavam, os espectadores, no "galinheiro", na platéia, ou nos balcões, o mesmo faziam alguns cães entre as pernas de seus donos e, logo no início do espetáculo, adormeciam embalados pelos sons de languidas valsas. Enquanto não começava a função, a banda de música executava marchas e dobrados à porta do Coliseu, pelo lado da rua Cesar Bierrenbach, tendo à frente da mesma o velho Troiano ou então o maestro Tullio, na

entrada do portão, que dava acesso àquela casa, havia uma estridente campainha que funcionava por horas seguidas, só sendo interrompida quando do início dos filmes. A direção da casa estava a cargo de dois grandes propulsores do cinema em nossa terra: Viana & Bianchi, o primeiro sr. Luiz Viana, tinha larga visão quando se tratava de fazer propaganda em torno de um filme. Principiava por alugar um bonde por algumas horas e depois de forrar com grandes tabuletas, em seus dois lados, e parte da frente do bonde, neste eram introduzidos perto de trinta músicos, todos com seus respectivos instrumentos musicais, e partiam pelos bairros de Campinas. Seus cartazes traziam em letras garrafais os títulos dos filmes que naquela noite seria exibido no famoso Coliseu. Era de ver a alegria da população, quando ouvia os acordes das marchas e dobrados. Não havia criatura que, estando no fundo de sua residência ou no próprio local de trabalho, não viesse à rua, para ver a "banda passar". No bonde sempre viajavam dois meninos, um conhecido como "Tatu", e outro de nome Nelson, que distribuíam programas do dia. Este último, hoje com os anos às costas, é um dos mais zelosos funcionários de nossos cinemas, estando afeto a ele, a seção de pintura de letras para cartazes, com função no Cine Vogue. O pintor de letras para os cartazes de propaganda daqueles idos tempos era encarregado o então jovem Arnaldo Bollinger, há pouco falecido. No entardecer daquele dia, podia-se contar com grande afluência pelos lados do Coliseu, era gente que aparecia de todos os lados, em direção à bilheteria, para adquirir entradas. Como já disse linhas acima, o Coliseu tinha duas entradas, uma pela rua Cesar Bierrenbach, e outra pela rua irmã Serafina. Nesta eram porteiros o Arsênio e o "Mudinho", sendo os mesmos fiscalizados pelo famoso "Bataia", que ainda vive aqui

em Campinas. Os moleques daqueles tempos, quando não tinham dinheiro, procuravam "varar" pelo muro que existia no "Beco do Rodovalhos", algumas das vezes, eram pilhados pelo "Mudinho", em flagrante, e postos para fora, mas eram persistentes e teimosos quando se tratava de assistir a um bom filme e voltavam para o "Beco", e minutos depois, estavam acomodados no "galinheiro". Pela entrada da rua Cesar Bierrenbach, eram porteiros, o "mulato, seó Machado", e o Luiz Matuca da parte do Balcão, o Luiz Benatti mais conhecido como "Gijo", era o bilheteiro, como todos eles já falecidos. Ao lado de seus porteiros, com um largo sorriso nos lábios, estavam Luiz Viana, e seu sócio o Bianchi, que apreciavam satisfeitos aquela grande massa de povo, que se comprimia para adquirir bilhetes. Se no outro portão havia um "Bataia", do lado de cá também havia o famoso Dante Forte, ainda vivo, a sua função era apenas de fiscalizar o muro da rua Cesar Bierrenbach, para que nenhum moleque entrasse sem pagar. No palco atrás da tela, estava a cabine de projeção, esta manobrada pelo mulato Otávio, tendo como seu ajudante, o também Otávio Silva, vulgo "Gibi". "Tatu" e Nelson, o nosso já conhecido, eram os encarregados de molhar o pano da tela todas as vezes que terminava o rolo de filme na cabine. As luzes eram acesas em cada passagem de rolo de cada filme, e antes de iniciar-se o novo rolo, eram projetadas na tela anúncios de Casas Comerciais e de filmes, para exibição futura. Na platéia, o baleiro "Miro" percorria todas as cadeiras, em busca de fregueses. No portão de entrada, não faltava o italiano sorveteiro, com o seu carrinho a imitar uma grande nave, com o nome de "Conte Grande". No outro portão estava o famoso "Seo Tranco", com suas guloseimas, doces e salgados. No "galinheiro", era infalível a presença do guarda noturno "seu Paulo", que ali estava para manter a ordem e seu serviço de guarda, começava quando terminava as funções do Coliseu.

Naquela noite estavam programados vários filmes, entre eles: o seriado "A moeda quebrada" (The Broken Coin), com Grace Cunard e Francis Ford, uma comédia com os impagáveis Zé Rabona, (Chester Conklin) e Augusto Camisola (Slim Sumerville) e para finalizar o vigoroso drama da Fox intitulado "O expollador" (The Fiunderer) com o ator das multidões, William Farnum, e cada vez que este aparecia na tela em alguma luta, com os bandidos, o cinema parecia vir abaixo, tal era o entusiasmo do povo, e havia quem gritasse do "galinheiro": péga leão, péga... Eram assim as inesquecíveis noites no Coliseu, lembranças essas que jamais se apagarão de nossas memórias.